

LITERATURA POPULAR E LITERATURA ARTÍSTICA – HUMORISMO

Clementina Lapenda

Inteevenientes: MARIA CLEMENTINA LAPENDA (PE), FRANCISCA NEUMA FECHINE BORGES (PB), VERÍSSIMO DE MELO (RN), JOSÉ PIRES BARROZO FILHO (RJ), FERNANDO IÓRIO (AL), MARCUS ACCIOLY (PE).

Presidência: LUCIE MAYER MOTTA (PB)

A literatura popular, por muito tempo encarada como uma sublitteratura, desprezada pelos teórico e críticos literários, começa a despertar o interesse nos centros universitários. Para uma tese acadêmica, Muniz Sodré tomou como tema, hoje transformado em livro didático, "Teoria da Literatura de Massa", Biblioteca Tempo Universitário 49, Rio de Janeiro, 1978.

O prefácio é de Mário Pontes do Jornal do Brasil. São dele estas palavras: "Com postura do intelectual, responde porque as massas preferem José Mauro de Vasconcelos a Machado de Assis".

Com este trabalho, Muniz Sodré deu um grande passo, uma vez que o componente elitista, pelo menos na sua maioria, ainda permanece fiel aos seus dogmas e se recusa de tomar conhecimento dessa sublitteratura, que pouco a pouco vai se infiltrando nos bancos acadêmicos, vai se tornando assunto para debates em congressos literários.

O ensaísta Jean Tortel criou para este gênero um nome menos "aviltante": paraliteratura. A conceituação, no entanto, não está definida, nem bem aceita uma vez que ele considera paraliteratura do Código Civil ao gênero romanesco, incluindo até as letras das canções. Seu trabalho "Qu'est que ce paralittérature?" encontra-se em Francis Lacassin: "Entretiens sur la paralittérature". Paris, Plon, 1970, p. 9-31.

Posicionamento da literatura popular e da literária artística:

A literatura popular, não reconhecida pelas instituições acadêmicas, não faz parte da seriedade escolar na medida em que o termo signifique uma tomada de posição lingüística. Sempre foi considerada como o discurso da higiene mental, como o discurso do lazer. O leitor é um consumidor

e este tipo de literatura é produzido a demanda do mercado. Desta produção, surgiu a imprensa de grande tiragem com a dicotomia divertir/atualizar. O leitor ficava a par das doutrinas da época, dos problemas político-sociais.

Às custas deste gênero, o mercado editorial se enriqueceu. Investia grandes somas, mas em compensação os lucros eram altamente compensadores. Segundo a opinião do próprio Mário Pontes “Todo o Joyce até hoje publicado não equivale, em termos estritos de tiragem, a um único número de *Capricho* ou d’*O Pato Donald*”.

Como literatura popular podemos considerar todo o gênero voltado para o grande público, para a massa. Teremos, assim, o romance policial, o de terror, o de aventuras, o de ficção científica, o sentimental, o humorismo, etc.

Analisemos a estrutura destes gêneros:

No gênero policial, ficção científica e terror notamos a predominância do elemento mítico. Não os mitos das epopéias clássicas, onde o herói significa o poder do sobrenatural sobre o indivíduo. Onde os deuses se personificam e descem à Terra. O herói na literatura popular conota a força infinita e divina da consciência individual. Os homens transformam-se em seres superdotados, a onipotência supra-humana da personagem é uma constante. Como exemplo observemos *Flash Gordon*, o *Super-Homem*, *Mulher Maravilha*, *Homem Aranha* e outros tão nossos conhecidos, defensores da comunidade. O herói possui a “solidaridade”, ou seja, o triunfo do bem (sol) sobre o mal (sombra). Podemos citar com exemplos o detetive *Sherlock Holmes* (síntese de todas as conquistas da narrativa policial) criado por *Conan Doyle*. *Arsène Lupin*, criado por *Maurice Leblanc*. A estrutura é sempre a mesma: princípio, meio e fim. Um segredo a ser descoberto, um suspense. Ao leitor, cabe entregar-se à habilidade desta estrutura, ao fascínio da intriga em sua constante armação. Para esse tipo de literatura, nunca falta leitor. O policial assinado por *Tony Manhattan* ou *Lou Corri-gan*, relatando toscas aventuras de espíãs seminuas tem tanta aceitação quanto as refinadas narrativas de *Simenon*, *Edgar Wallace*, *Aghata Christie*, *Conan Doyle*, etc.

Dentro da estrutura percebemos uma ideologia: o criminoso é alguém que não se reconhece desejado pela ordem social, sendo por isto necessário identificá-lo, puni-lo. O crime não compensa. Não há crime perfeito. . .

No romance de terror, temos a considerar a “alteridade psíquica”, isto é coincidência/corpo. Podemos exemplificar esta afirmação com os dois clássicos do gênero: *Frankenstein*, criado por *Mary Shelley* em 1818 e *Drácula*, criado por *Bram Stoker* em 1897. Obras imorredouras, exploradas em revistas, cinema e televisão, comprovam as antíteses bem/mal, beleza/feiúra. A monstruosidade do ser posta em evidência.

Quanto ao humorismo, este gênero nos foi legado por nossos longínquos antepassados — os latinos. Quintiliano, célebre gramático, afirmava: *Satira tota nostra est*. Horácio, um dos grandes poetas latinos considerava a sátira uma obra artístico-literária. Antes de Cristo, Plauto caricaturizava os costumes da época no seu teatro burlesco. Gaio Lucílio, foi no entanto o introdutor do gênero na literatura. Dois outros, posteriormente o seguiram: Marcial e Juvenal. Lucílio combatia os excessos da influência helênica através de sátiras. Modernamente, temos entre nós uma plêiade de bons humoristas. Entre muitos podemos citar Chico Anísio, com grande popularidade por causa da televisão. É autor de *Tem aquele de...*; *É mentira Terta?*; *O enterro do anão*; *A curva do Calombo...* De Carlos Eduardo Novaes: *O balé do quebra-nós*; *O caos nosso de cada dia*; *Os mistérios do aquém*. De Millôr Fernandes: *Computa computador computa...* De Sebastião Néri: *Folclore Político e assim por diante*.

A matéria surge das crises do quotidiano. É uma literatura informativo-cultural, político-social. A sociedade, a política são fustigadas através do “qui pro quos”, isto é, o jogo do duplo sentido. Diariamente o humorismo está dentro de nossos lares, via televisão. Ainda não exploradas nas universidades como “literatura”, foi agora tema para debate num Congresso de Literatura.

MARIA CLEMENTINA BARROS LAPENDA

Licenciada em Letras, Mestre em Teoria da Literatura Universidade Federal de Pernambuco

Curso de Literatura de Vanguarda, Curso de Literatura Infantil, Curso de Aperfeiçoamento em Teoria.

Professora de Literatura Latina, de Teoria da Literatura no Curso de Graduação.

Professora de Estilística, Estrutura da Língua Portuguesa, de Metodologia do Ensino no Curso de Pós-Graduação.

ARTIGOS PUBLICADOS

Variedade de Estilo na Literatura Latina

A Religião dos Romanos

Literatura Infanto-Juvenil em Nosso País

A Linguagem Poética de Marcos Accioly no Cantoflor

PESQUISA E LITERATURA POPULAR NA UNIVERSIDADE

* *Francisca Neuma Fechine Borges*

É indiscutível que a Universidade, para atingir seus objetivos primordiais, deverá apoiar-se em atividades pluridimensionais, convergindo para as três grandes diretrizes, PESQUISA, ENSINO e EXTENSÃO, tendo em vista a integral formação cultural dos discentes. Estas duas últimas grandes linhas, se bem coordenadas e apoiadas na prática de pesquisas, propiciarão aos universitários uma aprendizagem que deverá manter um íntimo relacionamento com o contexto sócio-cultural brasileiro, e, particularmente, com o da região onde se situa cada Universidade.

Assim, quaisquer que sejam as atividades acadêmicas, é necessário que elas se desenvolvam nas mais variadas áreas de conhecimento, entre elas, a Literatura Popular, o que deverá ser feito, objetivamente, utilizando procedimentos metodológicos científicos, livre de preconceitos, paralelamente, ao estudo de obras de autores eruditos. É evidente que, para se compreender melhor a cultura de um povo, tornam-se imprescindíveis os estudos de suas múltiplas manifestações, cultas ou populares.

Com relação ao estudo da chamada "literatura de cordel", mais precisamente, "literatura popular em verso", constituída pelos "folhetos de feira", (forma escrita) e "cantorias" (forma oral), deve merecer a atenção dos professores das Universidades brasileiras, e, notadamente, das nordestinas, uma vez que é na nossa região que este tipo de literatura mais se desenvolve. O estudo desta expressão literária não pode estar desvinculado de um contexto sócio-cultural mais amplo, envolvendo suas origens européias ou orientais, até a produção atual, de modo a se abranger uma visão mais completa dos seus temas e formas de expressão. Vale salientar que há inúmeros autores populares e milhares de "folhetos".

Remontamos, sinteticamente, às origens dos "folhetos" da "litera-

(*) Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e Coordenadora do "Programa de Pesquisas em Literatura Popular" da Universidade Federal da Paraíba.

tura popular em verso” nordestina, situando-a no contexto da “littérature de colportage” e da “literatura de cordel” portuguesa e espanhola¹.

Em Portugal, a denominação pitoresca de “literatura de cordel” deve-se ao modo de distribuição para venda, isto é, com a exposição dos folhetos dependurados em um barbante ou cordel, fato registrado em **O bilhar** de Nicolau Tolentino:

*“Todos os versos leu da Estátua eqüestre,
E todos os famosos Entremezes
Que no Arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n’um barbante”*²

Esta denominação, a partir de elementos extrínsecos à obra, deve ter se difundido no Brasil há, aproximadamente, uma década, através de estudiosos guiados por Teófilo Braga. Parece não ter sido introduzida pelos poetas populares que não empregavam um nome que englobasse o conjunto da produção literatura popular e nem mesmo consideravam-na como “literatura”, usando apenas, as denominações específicas de “folheto” (de 8 a 16 páginas), “romance” (a partir de 24 páginas), “versos” e “obra”.³

A “literatura de cordel” portuguesa, segundo Teófilo Braga, possuiu três grandes fases⁴, nos séculos XVI, XVII e XVIII. Nos meados e fins do século passado, a literatura de cordel lusa emigrou para o Nordeste brasileiro onde as condições de vida eram ainda “medievais”⁵

Dentro de uma vastíssima produção literária popular brasileira, sem pretendermos solucionar os problemas decorrentes das já existentes classificações de “folhetos de feira”⁶, seja pela necessidade de rigorosos critérios, seja, ainda, pela grande complexidade que este assunto apresenta, tendo em vista uma sistematização para estudos, agrupamos os “folhetos” em dois grandes grupos. Incluem-se no primeiro, aqueles que versam sobre estórias com temas antiquíssimos, herdados da tradição ocidental ou oriental, como, **História de Roberto do Diabo**, **História da Donzela Teodora**, **História de João de Calais**, **História de Carlos Magno e dos dozes pares de França**, **História da Princesa Magalona** e **História da Imperatriz Porcina**⁷, obras populares e seculares, que nos chegaram através de Portugal e que continuam vivas no Nordeste brasileiro, através dos “folhetos de feira”, as quatro primeiras com surpreendente atualidades, as duas últimas, sem circulação atual. Poderiam enquadrar-se também no primeiro grupo, estórias maravilhosas, com encantamentos, castelos, príncipes, princesas, objetos mágicos, monstros, fadas, lendas, contos tradicionais e obras de autores eruditos estrangeiros que são recontadas pelos autores de “folhetos”, por exemplo: **Amor de Perdição** (História de amor e vingança extraído do romance do mesmo nome). João Martins de Athayde. Editor: José

Bernardo da Silva, v. 1 e 2 — continuação. Juazeiro, Tip. São Francisco, 9-9-1954. Preço: 6 cruzeiros); **Romance de Romeu e Julieta**. João Martins de Athayde. Juazeiro do Norte, Filhas de José Bernardo da Silva (proprietárias), 1975, etc.

Por outro lado, pertenceriam ao segundo grupo, “folhetos” relacionados mais diretamente com o contexto brasileiro e, especialmente, nordestino, e que versam sobre “acontecidos”, grandes fatos sociais ou políticos, folhetos sobre o cangaço; catástrofes climáticas, como enchentes ou secas; assuntos religiosos com personagens como São Pedro, a Virgem Maria, Jesus Cristo, que se colocam em oposição ao diabo; (recentemente, o número de “folhetos” sobre João Paulo II, já atinge mais de meia centena, até mesmo sobre o atentado a esse venerável Papa); lendas brasileiras; obras famosas de autores eruditos que são recontadas pelos poetas populares, tais como: **Romance de Iracema a virgem dos lábios de mel** (João Martins de Athayde: Filhas de José Bernardo da Silva (proprietárias), Juazeiro do Norte, (Tip.) Literatura de Cordel, 29/04/1978); **Gabriela** Manoel d’Almeida Filho. Aracaju, Luzeiro Editora — São Paulo, 1976); **A Escrava Isaura** (João José da Silva (proprietário, s.d., etc.

Se o interesse pelos estudos da Literatura Popular remonta já a algumas décadas, o gosto por este tipo da literatura tem crescido consideravelmente, nos últimos anos, tanto no âmbito da Imprensa, nordestina e sulista, que vêm dando ampla cobertura às promoções de caráter popular, quanto nas Universidades.

Ressaltem-se as divulgações dadas aos Congressos de Violeiros que se realizam com maior freqüência ultimamente, e encontram franca receptividade no público que deles participa em massa.

Enfatizamos, ainda, o apoio universitário aos poetas populares e cantadores, pois já se-constatam realizações de “Cantorias” em Calouradas da Universidade Federal da Paraíba, onde se desenvolvem paralelamente, pesquisas em Literatura Popular.

Particularmente, na UFPb., o interesse pelas produções literárias populares, vem tendo um caráter institucionalizado, desde que foi criado pelo ex-Reitor Dr. Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, o “Programa de Pesquisas de Literatura Popular” que tem, entre outros, os objetivos de promover o entrelaçamento entre os Órgãos da UFPb, ligados à arte popular em geral e, particularmente, à Literatura Popular, incentivando e divulgando a sua produção, motivando as atividades de pesquisa nesta área, propiciando, enfim, dentro de uma programação geral, a integração Universidade/Comunidade. O atual Leitor Dr. Berilo Ramos Borba continua dando pleno apoio ao PPLP.

Filiado a este Programa, desenvolve-se o Projeto da Biblioteca de Literatura Popular em Verso⁸ do Depto. de Letras, com o apoio da Biblioteca Central e que encontrou grande repercussão, contando com a parti-

cipação de Professores Orientadores e alunos bolsistas, não só da área de Letras, mas de outras áreas, mostrando o interesse geral pela Literatura Popular Regional.

O Projeto da BLPV visa à elaboração de um "Catálogo dos Folhetos de Feira", à organização de uma Biblioteca Crítica sobre Literatura Popular, bem como a estabelecer um Centro de Documentação sistematizado das nossas produções literárias populares, com gravações de cantorias; acervo de, aproximadamente, dois mil e quinhentos folhetos, documentos, cartas de poetas populares, obras raras, etc, já servindo a estudantes, pesquisadores do nosso País e do exterior. Constantamos que vários estudiosos estrangeiros vêm se dedicando ao estudo dos "folhetos de feira" nordestinos.

O intercâmbio cultural é também uma das principais metas do PPLP, que, pretendendo ultrapassar os limites da UFPb, propõe às Universidades brasileiras e a outras Entidades, relações de intercâmbio, através da permuta de publicações, informações bibliográficas e doações de obras sobre Literatura Popular.

Ressaltamos os convênios estabelecidos entre o PPLP e outras Entidades, Fundação Casa de Rui Barbosa, Instituto de Estudos Brasileiros, Secretaria de Cultura e Desportos do Ceará e outras Universidades Federais, do Ceará, Rio Grande do Norte e Fundação Universidade Regional do Nordeste.

No âmbito internacional, relações de intercâmbio da maior importância vêm sendo mantidas com o Instituto de Cultura Portuguesa e Biblioteca Nacional de Lisboa.

Salientamos, ainda, as publicações do PPLP, através da Editora da nossa Universidade: **Cinco Livros do Povo** (2ª edição facsimilada), 1979; **Caderno de Letras 3** (número especial sobre literatura popular, julho de 1978) **Folhetos de Cordel** de Egídio de Oliveira Lima, 1978; **Dicionário bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. 1º e 2º vol., 1978, em co-autoria, do Profª Átila A. F. de Almeida e o poeta popular José Alves Sobrinho; **Autobiografia do poeta**, 1979, de Manoel Camilo dos Santos, renomado poeta popular paraibano; **Antologia III**; obra de Leandro Gomes de Barros — 2, 1977 e **Antologia V** — Obra de Leandro Gomes de Barros — 3, ambas em co-edição URFb e Fundação Casa de Rui Barbosa; **Estruturação e isossemias da História de João de Calais**, nossa dissertação de Mestrado defendida no Curso de Pós-Graduação em Letras da UFBB.

É com grande interesse que participamos dos propósitos de nossa Universidade de Valorizar e incentivar não somente o Ensino e a Extensão, mas também a Pesquisa. Para que se atinja um ensino objetivo, torna-se necessário o desenvolvimento paralelo de pesquisas, em qualquer que seja a área. Constatam-se as mudanças radicais que se operam nas Universida-

des onde se criam os Cursos de Pós-Graduação, mais afeitos à atividades de investigação científica.

Para que haja uma coordenação perfeita, torna-se necessária a inclusão da disciplina Literatura Popular nos currículos do Curso de Letras, à semelhança do que já se faz na UFBB., e em outras Universidades.

Finalizando, queremos dizer da nossa satisfação em participar, ativamente, dos propósitos da nossa Universidade, de valorizar e incentivar as pesquisas nesta área, mesmo porque impõe-se à UFPb a obrigação de promovê-las, pois a Paraíba é um grande reduto de poetas populares, entre eles, grandes cantadores, como Romano da Mãe d'Água, Inácio da Catingueira, Silvino Piraruá e imortais autores de folhetos, Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde e Francisco das Chagas Batista.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Vide BORGES, Francisca Neuma Fachine. *Estruturação e Isosemias da História de João de Calais*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, Mestrado em Letras da UFPb, 1979, p. 47-65 (no prelo).
2. BRAGA, Theophilo. *O povo português nos seus costumes, crenças e tradição*. Lisboa, Livraria Ferreira Editora, 1885, p. 450.
3. SOUZA, Liedo Maranhão de. *Classificação popular da literatura de cordel*. Petrólis, Vozes, 1976.
4. BRAGA, op. cit., p. 449-451.
5. Vide SARAIBA, Arnaldo. *Literatura marginalizada*. Porto, Rocha Artes Gráficas, 1975, p. 120.
5. Vide DIÉGUES JR. Manuel. Ciclos temáticos na literatura de Cordel. In: Fundação Casa de Rui Barbosa. *Literatura popular em verso; estudos*. Rio de Janeiro, MEC/FCRB, 1973, p. 26-30.
7. Vide BRAGA, op. cit. Livro 3, cap. 2-3., e CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco Livros do povo*. 2ª ed. Fac-similada. João Pessoa, Editora da UFPb, 1979. Seguindo as trilhas traçadas por estes famosos estudiosos, fizemos um estágio em Portugal, Espanha e França para desenvolver pesquisas sobre "literatura de cordel" portuguesa e espanhola e "littérature de colportage", com a finalidade de confrontá-las com a "literatura popular em verso" nordestina. Nesta viagem, sob os auspícios da Fundação Calouste Gulbenkian que nos concedeu uma Bolsa de Estudos, registramos, através de pesquisas em Bibliotecas, Museus, Livrarias especializadas e entrevistas com vários pesquisadores, aproximadamente, quatrocentas versões das estórias tradicionais citadas, a partir do séc. XII até o século XX.
8. O Projeto da BLPV, sob a nossa coordenação, conta, atualmente, com a participação dos professores da UFPb, Magna Celi Meira de Souza, Albanita Guerra Araújo, Maria Jandira Ramos e Vera Lúcia de Luna e Silva dos professores José Aderaldo Castelo (IEB), Luiz Tavares (UFCE) Junior e F. S. Nascimento (SCCe) representantes, respectivamente, das Entidades que mantêm convênios com o PPLP; participam, ainda, deste Projeto: bolsista da UFPb, Rita Torres Formiga, Montgomery José de Vasconcelos, Ana Adelina Lobo e Ana Lúcia Mayer, Maria Teresa Morais e Maria da Salette (da UFCE).

9. Desenvolve-se, também, o "Projeto da Biblioteca da Vida Rural Brasileira" integrado no PRONASEC/RURAL/MEC, promovido pela UFPB/NUPPo e Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba e que tem como objetivos primordiais a distribuição de obras populares, como textos suplementares, em Escolas de 1º Grau do Estado da Paraíba. Essas obras formam quatro coleções (Cordel, Trancoso, Teatro e Escola) e são constituídas por textos que oriundos do povo, retornam, agora, pela VIA ESCOLA, ao seio popular. Participamos deste Projeto, juntamente com outros pesquisadores sob a coordenação da Profª Maria do Socorro Silva de Aragão.

FRANCISCA NEUMA FECHINE BORGES

Bacharela e Licenciada em Letras Neolatinas pela FCF, de Campina Grande

Mestrado em Letras pela UFPB – Campus I

Especialização em Literatura Portuguesa em 1975 Lisboa – Portugal

Especialização em Lingüística, URNe – Campina Grande – PB

Coordenadora do Curso de Letras da URNe 1974/75

Coordenadora da Área de Comunicação e Expressão do Colégio Estadual de Campina Grande. 1973/74

TRABALHOS PUBLICADOS:

Singrado os Lusíadas – 1972

O ensino da redação – 1973

Método para o ensino de Os Lusíadas – 1974

Relações Actanciais em a caçada de Miguel Torga – 1976

Novas perspectivas para análise das composições populares – 1977

Encarnações do diabo em folhetos e obras eruditas Nordestinas – 1978

Em torno de Literatura Popular – 1978

GALINHA TAMBÉM BEBE ÁGUA

Barrozo Filho

*Hum sorvete entre-entra pedras
abunda do gozo a relva em volta
com sabor para todos os lados
O leite branco colorecorçe da mamona
a alegria na fenda no funô da tardona
Uma coruja presa ao pau olha o sol
vermelho orçar na onda espumante
A areia quente em grão espalha-se
espelha-se
nos corpos dos amantes do instante
a volta é pedra-sorvete
a fuga é leite-mamona
o vôo é de pau-espumante
a cama é areia-espelho
dormir em grão
GAMARTE
fuigr em leite
MAMARTE
voltar em pedra
SORVETE
Sou volta-pedra
'tou em fuga-leite
permaneço em pau-espuma
fico na camareia
Pedrivolto
lactestou
espermaneço
ficareia
Vol-e-volto
tou-e-souto
eço-o-mar
eia-e-ama*

*de torrente in via bibet. . .
(Gragoatá, 09.10.1979)*

Sinal dos tempos

Barrozo Filho.

*Minha terra ainda tem Palmeira
Minha terra ainda tem sabiá*

1º capítulo, versículo cinelândico em versão de poeta

*É cena bíblica
O "high" jornal nada publica
O rádio "governocensurado" fica
Pelo govêrno de TITICA ou MILICA (sinônimos perfeitos)*

2º quadro, sem ATOS em linguagem quadrada

*Olhai os lírios no asfalto!
Olhai as "vestas" à Paisana!
Olhai as mulheres sem salto!
Olhai que passeata bacana!*

3º estágio, som vestibular vertendo pela Presidente VAGAS

*Farmácia
Não há vaga!
Odontologia
Atua na zaga!
Medicina
Agora é paga!
Química
Magia maga!
Gente
que não se apaga!
Igreja
que quase se traga!
Cidade maravilhosa
que nunca se estraga!
Povo
"paca" que não se esmaga!
Abaixo a bomba-gás!
arma do imbecil que quer fraga
Rio afaga
esmaga
traga
estraga
Rio é um praga!*

4º ato, via-crucis, via urugaiianarrua

A mole não é mole!

Moleque é a PMoleque

Moleque é a analfa PMoleque

Moleque é a mole "molorum" dos moleques Pmolecados

PATO/LOGIA

j.p. barrozo fº

parapsicopatía

patuscadopatía

simpatologia

métodopatía

filosopatía

empatologia

psicopatía

teopatía

*um pato passante pensante pensou que passando pensante passaria
na ponte patenteada*

botou um ovo

pedra interrogativa na cabeça do povo

patologou consigo empatecido

patolhou pra todos pedindo patente

patou

patou

– ué, será que tomei hormoniopatía errada !!!

Vila Isabel, 15.07.68

sisteMA TAR

j. p. barrozo fº

TAR ou não TAR: eis a confusão!

hum kiloTAR vale hum mil EMA

hum hectoTAR representa povo sem liberdade

hum decaTAR: duas mãos com dez dedos duros

TAR. TAR TAR TAR !

TAR é a unidade da CIA

deciTAR é parcela da parcela íntima da ARTE censurada

centiTAR é fração fracionada do povo sentido

– Atenção, senhores passageiros, com destino à Fernando de Noronha!

quiram encaminhar-se para o portão A. . .A aeternitatem

obrigado

e

BOA VIAGEM!

Rio, 01.07.68

PÓ. . . ESIA DE CONSUMO FÁCIL

Barrozo Filho

branco

na

fonte

verde

no

cano

vermelho

na

adutora

colhido

no campo

lavado

na cidade

secado

no

hidrômetro

descascado

na

caixa

beneficiado

na

bica

pretorrado

na

panela

cuado

na hora

HOSPITALIDADE BRASILEIRA!

"este poema é puro oswald!" (augusto de campos/sp)

São Caetano

São Gil

São povo

São mil

São Chico

São Autran

São Edu

São tã-tã

São Cecil

São Vinicius

São todos

São eu

São Pascoal

Santa Nana

Era Domingos

Numa quarta-feira de semana

Santa Nara

Santa Tônia

Santas tantas

Santa santa

Santa eu

Santa Glauce

Sanata Classe

Tanta Classe

5º apoteótico final: Queimação do quadro de 50 estrelas com fumaça para imolar a vitória maiúscula da estelardade em ritmo 21

O papel-maná variado

Tamanho

Cor

Quantidade

As janelas são fortalezas de liberdade

O fogo destrói a "flag"

O povo tapa o nariz para não sentir a fumaça

Fumaça que representa asfixiação imperialista

(mil vêzes as bombas de gás lacrimogêneo nacionais)

A ressurreição gloriosa de um povo ordeiro é alcançada

Olhemos para baixo e digamos:

– "Pai, perdoai-lhes, "eles" não sabem o que fazem!"

Vila Isabel, 26/27/06-1968

CARNE CARNE CARNÁ CARNAVAL

José Pires Barrozo Filho

*O sal caiu do Salgueiro
temperou o couro ao SOL
Arte dando luz no asfalto*

*A manga estalou na Mangueira
adoçou a cuíca de SAMBA
roçando o feio contra beleza*

*A porta transformou-se em porteira
Portela badalando no SOM
bebendo cor as cucas quentes*

*A Mocidade cresceu em cortiço
Independente de qualquer transa
dando o alto do meio-dia/ALEGRIA*

*A Vila desceu com rosa/Noel
deu uma de princesa chique
criando um universo de amor*

*O Império colorido botou banca
gritou mais alto: Serrano
Cristalizando branco/negro*

*O colibri protestou no vôo
foi chamado de Beija-Flor
luzindo a avenida de alegria
A União se faz com mar e areia
na batida forte sempre da Ilha
abrindo uma estrela em cada goela*

*(... debaixo de um tapume de edifício
abandonado, um pierrô negro embolava-se
com uma colombina loura
numa maior:*

*“A gente se gosta,
a gente se ama,
a gente se curte!”)*

*moral do carnaval: a emoção das máscaras
não mostra o homem tal qual é.*

Niterói, 12.01.1978...

OSÉ PIRES BARROZO FILHO

Nasceu em Nova Friburgo, Rio de Janeiro

CARGOS JÁ EXERCIDOS

Secretário, Professor, Agente de Turismo, Escriturário, Conferente e Sub-Chefe em vários Departamentos do Banco de Londres e hoje ocupa o cargo de Chefe de Sessão de Recursos Humanos.

PARTICIPAÇÃO DOS SEGUINTE LIVROS

Vão Veton, Estúdio 44, Só Poesia, A Presença do Conto, Se Poemas Brasileiros, Doze Poetas Alternativos

PRÉMIOS

Berimbau de Prata (poesia)
Canção do Amor Ausente (conto)

Membro Fundador da Associação Brasileira de Parapsicologia e do Clube do Escritor e do Leitor — São Paulo
Escreve: Artigos Jornalísticos, Contos, Crítica Crônicas, Ensaios, Entrevistas, Literatura Infantil, Manifestos, Mini-Contos, Peças Teatrais e o Romance Gilete Futebol Clube

Várias classificações já foram elaboradas para melhor entendimento da literatura de Cordel. Assim, a classificação de Robert Mandrov, a de Júlio Caro Baroja, os estudos de Ariano Suassuna, tomando por base Gustavo Barroso, as tentativas de Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa, Roberto Câmara Benjamin e Carlos Alberto Azevedo.

Ultimamente, deu-nos Liêdo Maranhão de Souza a classificação mais completa da Literatura de Cordel, dividindo-a em Folhetos e Romances, conforme o número de páginas, reservando a primeira denominação aos trabalhos de 8 a 16 páginas e a segunda aos de 24 até 48 ou 64 páginas.

Desejamos, com nossa intervenção, acrescentar mais dois tipos de folhetos aos vinte e três abonados por Liêdo Maranhão de Souza no livro "Classificação Popular da Literatura de Cordel".

Trata-se dos folhetos chamados por nós, "proféticos" e "didáticos" ou "de conhecimento".

Como sabemos, são os folhetos o jornal, o romance do homem da zona rural. Neles estão registradas as impressões do povo no tocante aos intermináveis sofrimentos, às injustiças irreparáveis, à falta de instrução e de emprego. . .

São os Folhetos de Cordel a maneira mais fiel de se verem a analisar, através da poesia, que é "emoção ritmada," os fatos sociais, políticos e religiosos que acontecem em derredor da gente simples.

Os folhetos proféticos

O poeta popular, mais do que ninguém, se revela um profeta procurando, como os profetas de Israel, ficar ao lado do povo, denunciando as injustiças e a marginalização por que passa este mesmo povo, sentindo-se um vocacionado por Deus.

*"Primeiro peço a Jesus
Uma boa vocação
Para verjar um romance
Com toda pontuação
Sobre as misérias do mundo
E o horros da corrupção".*

Mas, ao tempo em que procura o poeta-profeta ser fiel a Deus, denuncia a própria infidelidade do povo.

*Assim verseja José Costa Leite:
"Três quartos do povo vive
Envolvido no pecado
Abraçando a Satans
E deixando Deus amado
O povo vai nesse jogo
Brevemente pega fogo
Nesse mundo desgraçado"*

O poeta-profeta não prediz futuro, mas realiza sua missão profética (pro+fari= falar em nome de, em favor de), interpretando a história, à luz da fé, falando em nome do povo, fazendo um depoimento real do que acontece na sociedade consumista.

As Renúncias Proféticas

Por isso, denuncia o poeta o pecado social, como os profetas do Antigo Testamento. A denúncia do **Coronelismo** está nos sextilhas de Abrão Batista (Questão do Camponês com o Coronel Humberto):

*"Seu moço, moro nas terras
que moraram meus avós,
Lá nasceram meus pais
E ninguém tem mais que nós
Direito ao que é nosso
Onde lá vivemos nós"*

*"nosso vizinho achou
Do seu terreno aumentar
E mandaram seus capangas
A nossa cerca arrancar,
Colocando nova cerca
Onde pudesse mandar"*

E o poeta-profeta se torna Conselheiro, Consultor-público:

*"por que não foi ao juiz
A um advogado-doutor?
Eu acredito que a justiça
Resolva pra o Senhor
Esse caso complicado
De tão amargo sabor",*

ou toma a defesa do pobre injustiçado pelo Coronel:

*“Aí eu disse pensando:
Um caso desse é incrível
A todo instante o rádio
Fala do alto nível
Da bondade do Coronel
E isso assim é horrível”*

*E conclui, corajosamente:
“V. Excelência não precisa
Daquelas braças de terras
Se teimar na questão
Permita dizer que erra
E a minha admiração
Por V. Excelência encerra”.*

*Eu disse pro Coronel
Olhe com mais carinho
Pra situação do pobre”.*

No folheto “**tudo agora Levantou**”, o poeta-profeta, José Costa Leite, denuncia a **carestia**:

*“O povo sofre desgosto
Com sêca, fome, imposto
campim-santo e tira-gosto
teve gente que deixou
bolacha, manteiga e pão
fava-verde e fruta pão
alho, cebola e carvão
Tudo agora levantou”*

*“Subiu pressão e colchete
Brilhantina e sabonete
Subiu gelada e sorvete
Caldo-de-cana aumentou
doce, peixe saboroso
peixe sêco, catिंगoso
até tabaco cheiroso
Tudo agora levantou”*

*Chora o pobre hoje, em dia
ganhando pouca quantia
porque até melancia
hoje em dia se danou
o óleo de carrapato
calango, preiá e rato
até veado do mato
Tudo agora levantou”*

Agora, é a vez da corrupção dos grandes denunciadas, sem medo,
— nesta sextilha de José Costa Leite:

*“Não posso ficar calado
Vendo tanta corrupção
A língua fica coçando
Se eu aguentar a mão:
A corrupção reina agora
Do Brejo até o sertão”*

— ou nestas duas de Abrão Batista:

*“Em toda parte existem
Os ladrões e assassinos
homens bons e desordeiros
Carneiros, bodes e suínos
E em todo canto se ouvem
os poetas e a voz dos sinos”*

*“Eu não sei como existem
Em plena revolução
Como disse o industrial
Suborno e corrupção
Isso é um desrespeito
Aos dez anos de ação”.*

E o poeta-profeta se volta para povo angustiado pela **inflação**, pela **política** e pela **fome**:

— Antonio Alves da Silva assim verseja:

*“O pobre só tem prestígio
Quando chegam as eleições
Seu doutor faz o comício
Apresentando às razões
Dizendo: Gente querida
Sei oque passam na vida
Por causa dos Tubarões”.*

— Caetano de Souza denuncia:

*“Passou-se em 45
o mil réis prá um cruzeiro
depois deste a carestia
aumentou em desespero
porque o custo da vida
está adiante do dinheiro”*

Miguel Pereira Sobrinho não se cala:

*“Pois na hora quem mais sofre
A falta de água e pão
É o pobre agricultor
Desde o brejo até o sertão
Já perdeu até o nome
De viver morrendo a fome
Prá enricar o patrão”.*

Assim se expressa José Medeiros de Lacerda:

*“O salário é uma miséria
Não dar prá matar a fome
Feijão velho gurgulhento
É só o que o pobre come
E o Governo fazendo hotel
Somente prá ganhar nome”*

Chega o momento, como profeta, de o poeta apelar para Deus:

*“Jesus disse: Deus sou eu,
Filho de Deus verdadeiro
Que vim salvar os cristãos
Sem precisar de dinheiro
Vim ao mundo como pobre
Prá poder ser justiceiro”*

(Miguel Pereira Sobrinho)

Na verdade, sendo o Cordel uma prática das classes subalternas, não deixa de evidenciar uma manifestação simbólica que corresponde a uma significativa estratégia de diluição da história dos humilhados, donde o **profetismo do poeta cordelistas**:

*“Foi a justiça somente
Quem deitou o meu destino
Trnsformou-me em assassino
Matando barbaramente
Quando um homem coosciente
Vir reger o mundo inteiro
Sendo reto e verdadeiro
A verdade se descerra
E a justiça na terra deixará de ser dinheiro”*

Portanto nossa proposta, a modo de sugestão: acrescente-se à classificação da Literatura de Cordel o **folheto profético**.

II — Por outro lado, nem a Literatura Popular servindo de **mestra**, de instrutora do camponês.

Em 1981, sentindo o IAA, através de seu Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-açúcar, que a **Literatura de Cordel** estava na alma do povo, resolveu torná-la instrumento para técnica de ensino ao camponês.

Assim, a área de Aperfeiçoamento Profissional e Treinamento optou pela Literatura de Cordel para o trabalho de aprendizagem com o Projeto: “Técnicas não formais de Treinamento (Folk-Comunicação”).

Alguns poetas populares passaram por um estágio visando à publicação dos seguintes folhetos: “Conselhos ao Cortador de Cana”, “Cuidado ao Aplicar Defensivos Agrícolas”, “O Tutor e o Tratorista”, “Conselhos aos Eletricistas”, “Sofrimentos e Prejuízos com Acidentes no Trabalho”, “Conselho aos Tratoristas para Evitar Acidentes. . .”

Os folhetos foram lançados na Estação Experimental da Cana-de-açúcar de Alagoas, com o poeta Enéas Tacaes dos Santos versejando:

*“Planalsucar faz pesquisa
No setor canavieiro
Eu passo o conhecimento
Com esse Cordel Brejeiro
O verso tem conteúdo
Meta o aço aprenda tudo
E transmita ao Companheiro.”*

Vemos, então, um novo tipo de folheto que surge: o que transmite **conhecimento**:

*“Eu passo o conhecimento
Com esse Cordel Brejeiro”.*

Denominamo-lo de folheto de **conhecimento** ou **didático**, porque tentam ensinar, transmitir conhecimentos:

*“Os defensivos agrícolas
Tornaram-se hoje, em dia,
De grande necessidade
Por terem muita valia
Pois defendem o plantio
Do bicho que atrofia”.*
(Enéas Tavares dos Santos,
“Cuidados ao Aplicar os
Defensivo Agrícolas”).

*Do folheto “O Trator e o Tratorista”
“Rebocar carga em subida?
Nunca seja displicente
O trator pode empinar
E causar um acidente,
Para evitar tudo isto
Engate um peso na frente”.*

Concluindo: Torna-se evidente o novo caminho da Literatura de Cordel — o da instrução o da transmissão de conhecimentos. Portanto, proponho, a título de sugestão, mais um tipo de folheto de Cordel: O folheto de conhecimento ou didático.

FERNANDO IÓRIO RODRIGUES

Livre Docente em Língua Portuguesa.
Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas
Curso de Filosofia e Teologia no Seminário de Maceió
Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas
Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFAL
Membro da Associação Brasileira de Lingüística e da Academia Alagoana de Letras
Diretor do Jornal “O Semeador” e da Rádio Palmares de Alagoas

OBRAS PUBLICADAS

O Linguajar Matuto, tese para o Concurso Livre Docencia
Metaplasmos em fonética Sintática (1958)
Estudos Literários (1978)
Estudos Críticos (1972)
Sabino Romariz, poeta simbolista, 1973
Introdução a Filologia Portuguesa (1974)
Livre Gorjear (1982)

(O discurso do poeta Marcus Accioly foi oral)

MARCUS MORAIS ACCIOLY

Pernambucano

Poeta e Professor da Universidade Federal de Pernambuco, onde ocupa a cátedra de Teoria Literária.

Diretor do Museu do Homem do Nordeste

Membro do Conselho de Cultura do Recife

Com mais de 8 obras publicadas foi ganhador do prêmio

FERNANDO CHINAGLIA com o livro “Guriatã – Um Cordel para Menino”

Outro trabalho seu – Nordestinados –,

mereceu o “Prêmio “Recife da Humanidade” sendo também gravado em disco com músicas de César Barreto.